BOLETIM AJAC

revista da Associação Jauense de Ambiente e Cultura
número 3 setembro de 2018

Boletim informativo número 3 setembro 2018

Conteúdos

Editorial
Fazenda Mandaguahy
Fotografia de família
A décima segunda edição do SP Arte/Foto trouxe a fotografia modernista e o fotoclubismo como destaques
Categorização
Entrevista concedida por Rosary Esteves
Galeria de fotos de Rosary Esteves

Diretoria AJAC

João André Miranda de Almeida Prado/ Jorge Luiz Saggioro/Juliano Meneghello/Paulo Guerra/Tiago Corazza

Foto da capa: casa sede da Fazenda Mandaguahy por Guilherme Valente

Editorial

Ao iniciar o segundo semestre de 2018, os membros da Associação Jauense de Ambiente de Cultura recém saídos dos eventos da 2ª edição do Photo Nature Brasil já estavam as voltas com a edição internacional e avançando mais um degrau, estabelecemos mais uma categoria para as lides desse concurso. Ficando com três seções sendo duas livres (cor e preto/branco) e mantendo uma de natureza com suas definições próprias.

Ressaltamos que os concursos, salões e as bienais são eventos que reforçam a integração entre os fotoclubistas e ainda permitem a troca de informações e conhecimento. Queremos registrar nossos agradecimentos a organização dos membros do Clube do Fotógrafo de Caxias do Sul nesta última Bienal: esforço contínuo, efetivo, cuidadoso e competência em sua execução.

Para a confecção deste Boletim AJAC, prosseguimos na divulgação do patrimônio cultural jauense com um artigo sobre a centenária Fazenda Mandaguahy. Guilherme Valente discorre sobre a história própria desta fazenda que é tão ligada a história do município de Jaú.

Maria Delfiol, associada a AJAC elaborou uma artigo sobre sua trajetória e o papel da fotografia nos registros e na memória familiar. Maria, ainda, demonstra em seu artigo com diversas fotos para ilustrar essa composição. O fotoclubismo é tema recorrente das apreensões de Marly Porto. Nessa terceira edição apresenta a produção dos fotógrafos Orlando Pilo Duarte, Ferenc Aszmann, José Lambert e José Mauro Pontes expostos na Galeria MaPa, de Marcelo Pallota na décima segunda edição da SP Arte/ Foto.

A categorização nos concursos culturais ou propriamente de fotografia é tratada por Paulo Guerra em sua base de definições e desdobramentos.

Por fim, em nossa entrevista, destacamos a trajetória de Rosary Esteves como participante histórica do movimento fotoclubista no Brasil e ressaltamos sua galeria de fotos com um ínfima parcela de sua profícua produção fotográfica ao longo de décadas.

Fazenda Mandaguahy
Texto e fotos Guilherme Valente

Há 160 anos atrás iniciava-se a história da Fazenda Mandaguahy. A propriedade é um desmembramento da antiga Fazenda Pouso Alegre cujo proprietário Antônio Dutra havia tomado posse de mais de 20 mil alqueires na região do Rio Jahu na década de 1840. Esta área foi posteriormente comprada pela família Gomes Botão e dividida em áreas menores. Uma gleba de 6.000 alqueires foi vendida aos irmãos Almeida Prado no ano de 1858.

Os Irmãos Antônia, Lourenço, Leonor, Vicente, Francisco de Paula e João dividiram a área em onze partes, com a preocupação que todos tivessem acesso a um curso de água. O casal Antônia de Almeida Prado e Joaquim Pires de Campos ficou com a área onde havia um salto chamado de Mandaguahy, que denominou a propriedade acrescido do nome de Sant'Anna. O casal construiu as primeiras benfeitorias: casa de morada, paiol, senzala. E plantou os primeiros pés de café. Com o falecimento de Antônia de Almeida Prado no início de 1862, o viúvo Joaquim Pires de Campos casou-se com Anna Joaquina Ferraz. No ano seguinte foi Joaquim Pires de Campos que faleceu, deixando viúva Anna Joaquina aos quinze anos com um filho de 3 meses. A dificuldade de uma jovem viúva e senhora de escravos permanecer sozinha numa área nova, fez com que Anna se casasse de novo. O casamento com Joaquim Campos Amaral durou até o falecimento deste. Anna Joaquina ficou viúva pela segunda vez em 1866 e casou–se com o também viúvo Francisco de Paula Almeida Prado, o Major Prado em dezembro do mesmo ano.

O Major Francisco de Paula de Almeida Prado foi líder político pelo partido conservador, juiz substituto, delegado, articulador da criação da comarca de Jahu e benfeitor do município durante o Império. Durante o período que esteve sob comando de Major Prado, Fazenda Mandaguahy ganhou várias benfeitorias. A atual sede foi construída por volta do final da década de 1880 e um grande e diversificado pomar foi planejado com curvas de nível e terraços feitos de rochas de basalto, venda, moinho de fubá movido à roda d´água, tulha/casa de máquinas, dezenas de casas de colono, água encanada e reservatórios para a lavagem do café. A propriedade integrava a Companhia Agrícola Paula Prado cujas três propriedades mantinham cerca de 380 mil pés de cafés em produção.

As plantações de café e culturas de subsistência como arroz, milho e feijão, não deixaram muitas áreas de mata nativa. Durante muitos anos somente a área do entorno do salto Mandaguahy foi preservada. A partir do final da década de 1970, o neto de Major Prado e Anna Joaquina, Francisco Pio de Almeida Prado, iniciou plantio da mata ciliar ao longo dos córregos Pouso alegre e Pau d'Alho e do riacho do café. Também separou uma antiga área de plantio de arroz para a formação de um bosque. Reconstituindo assim um pouco da mata que cobria toda a área inicial.

Vista geral da Fazenda Mandaguahy

Atualmente a Fazenda Mandaguahy está na sua quinta e mantém um programa de Educação Patrimonial e Ambiental voltado a conscientização de jovens e adultos para a importância da preservação dos patrimônios histórico e natural desde 1997. O programa educativo teve seu início numa parceria entre a Mandaguahy e a Escola Internacional, gerenciada na época por José Paulo Toffano. Na ocasião a escola começou com projeto de Educação Ambiental com a ajuda do estudante de engenharia florestal Amilcar de Souza, o Cecéu. O projeto visava despertar nos alunos da escola a conscientização ambiental. Os passeios pela mata ciliar e antigo pomar, dinâmicas e brincadeiras no córrego Pouso Alegre eram as atividades feitas na propriedade rural. Com o passar dos anos, foram acrescentados ao programa educativo outras vertentes da Educação Ambiental com a inclusão do patrimônio construído. A Educação Patrimonial consegue unificar os meios natural e construído permitindo uma análise mais profunda das interações homem/natureza.

Desta relação, muitas vezes conflitante, é possível pensar um modo de vida mais harmonioso e sustentável entre as partes. Antonieta de Almeida Prado, seguindo seus antecessores, conservou a maior parte de seu patrimônio edificado e natural nos moldes do século XIX e início do século XX, este fato permitiu a elaboração de um programa educativo que contemple os ambientes natural e edificado, bem como, ver as soluções encontradas in loco para o desafio de se preservar patrimônio sem um respaldo oficial. Por possuir estas características, a Fazenda Mandaguahy foi objeto de estudo do projeto Patrimônio Cultural Rural Paulista: Espaço Privilegiado para Pesquisa, Educação e Turismo, executado pelas Universidade de São Paulo, Universidade de Campinas, Universidade Federal de São Carlos, Universidade do Estado de São Paulo, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Universidade Metodista de Piracicaba, EMBRAPA e IAC. Também foi classificada pelo Comitê Internacional para os Museus-Casas Históricas (DEMHIST) ligada ao ICOM (Conselho Internacional de Museus) como exemplar de casa rural – Museu-Casa.

Hoje passeios guiados pela fazenda percorrem o belo conjunto arquitetônico e paisagístico com durações que variam de duas a dez horas. As visitas incluem Casa grande, senzala, tulha, colônias, terreiros, pomar, bosque e minimuseus que contam a evolução econômica e a contribuição das diversas forças de trabalho utilizadas na propriedade, visando despertar a conscientização da importância do patrimônio histórico construído e natural. Os visitantes vivenciam o dia a dia de uma fazenda e interagem com ambientes antes só vistos em livros.

Para maiores informações visite o site www.fazendamandaguahy.com.br ou a página no Facebook , Fazenda Mandaguahy.
Para o agendamento de visitas telefone para 14 3622 2707.

Fotografia de Família: algumas dicas – texto e fotos por Maria Delfiol

Tenho aproximadamente cinquenta anos. Com esta idade já vivi diferentes fases da fotografia, de acordo com nossas possibilidades financeiras. Na época do casamento de meus pais era comum registrar momentos importantes com fotos e presentear os familiares com uma delas. Isto se aplicava a casamentos, batizados, reuniões de famílias. As fotos eram com as melhores roupas, os cabelos muito bem arrumados e todos de olhos atentos para o fotógrafo e sem nenhum movimento para não borrar a foto. Provavelmente não era muito barato! Minha primeira câmera fotográfica, quando pude comprá-la, foi uma Kodak Instamatic. Alguém se lembra dela? Atualmente ela é peça de decoração vintage no quarto de minha sobrinha Izabela.

Da época de nossa infância não temos muitos registros, pois fui conhecer um fotógrafo, morador de nossa cidade, por volta de meus seis ou sete anos. Talvez por isto passei a fotografar e registrar intuitivamente a história de minha família. Todos estes registros não estão totalmente organizados, mas a fotografia tem este mágico poder de nos fazer rememorar momentos e pessoas especiais. Como você pode imaginar, todas estas fotos foram impressas ao longo do tempo. Muitas estão organizadas em álbuns grandes, centenas em álbuns pequenos, que vinham do próprio Cine Foto. E a emoção de levar o filme para revelar e aguardar semanas para ver o resultado? Estas fotos impressas se bem conservadas duram décadas ou mais. E as mídias? Muitos poucos anos. Lembram dos disquetes? Quem guardou fotos neles perdeu! E os CDs? Se não forem bem cuidados, ainda assim, podem não abrir mais... Tenho centenas de fotos nestas mídias e não sei até quando poderei vê-las! Já as fotos impressas estão ao alcance das mãos e dos olhos, sempre que recebemos visitas de familiares, rendem bons momentos de conversas sobre as pessoas, os lugares, as ocasiões, nas quais foram tiradas as fotos. Minhas sobrinhas puderam ver o avô falecido em 2.000, o bisavô falecido em 1982, trisavôs maternos. As fotos destes últimos consegui ao visitar uma tia, que emprestou a foto original, impressa, para que eu a escaneasse e fizesse uma cópia para mim. Assim conheci os pais de minha avó Maria Giacomini. Ah! O papel fotográfico! Ele me trouxe meus ancestrais de presente muitas décadas depois de suas mortes!

Por que comecei a falar deste assunto?

Porque me dispus a pesquisar e escrever sobre ele. Agora para mim ele tem um nome técnico: fotografia documental. Vamos tratar especificamente da fotografia documental de família, cuja proposta é registrar o cotidiano de famílias sem poses, nem superficialidades.

O fotógrafo Renato DPaula, um dos especialistas nesta área, cita em seu site, que sua inspiração para abraçar a fotografia documental de família veio de fotógrafos como Sally Mann, uma das principais fotógrafas de família nos EUA, e Alan Laboile, um fotógrafo francês que vem ganhando espaço fotografando e divulgando o cotidiano da própria família. Acessei o site deste último e, mesmo sendo fotos de família, são muito... profissionais e registros poéticos da infância e das brincadeiras dos filhos.

Há diversos fotógrafos no Brasil, que estão deixando outros campos da fotografia para atuar com esta relativamente nova fotografia documental de família.

DPaula conta em seu site os motivos pelos quais migrou para a fotografia de família, entre eles, a possibilidade de não trabalhar aos finais de semana, coisa que era corriqueira para um fotógrafo de casamentos. Na minha leitura acabei reunindo algumas opiniões e dicas a respeito do trabalho com a fotografia documental de família. Este tipo de trabalho exige tempo maior dedicado à família, que será fotografada, pois não basta marcar um dia e fazer uma sessão. A sessão precisa ser natural e para tanto a relação entre os retratados e o fotógrafo necessita de certa intimidade, conhecimento. É interessante que se registre a família realizando atividades, que a família goste, isto dará naturalidade. Roupas apertadas? Não! Conforto! Não é um desfile de modas! É um dia comum, que será fotografado. Outra dica é incluir pessoas especiais para a família. A fotógrafa Taty Gonini traz, no site dela, várias dicas, entre elas dividir a sessão em cinco dias, cinco momentos distintos envolvendo atividades diversas, que a família goste de realizar em conjunto. Quer aproveitar que reuniu toda a família, crianças, amigos, seus pets, e fazer um retrato de família, por que não?

Se você, como eu, gosta de fotografar, quer registrar estes momentos aproveite! Se você quer um registro de um fotógrafo profissional para fazer um ensaio de fotografia de família, sugiro que procure um profissional, que tem experiência neste tipo de trabalho. Procure referências do profissional na internet. Peça referências do fotógrafo a amigos ou pessoas, que já contrataram os serviços dele. Você pode perguntar, por exemplo, se o profissional cumpriu o acordado em termos de tempo, cumprimento de prazos, preço, qualidade do trabalho entregue. Além disto, pode perguntar a seu amigo também se ele contrataria este fotógrafo novamente e se ele o indicaria a outras pessoas e porquê!

Maria S. Delfiol Nogueira, Supervisora de Ensino, blogueira, fotógrafa amadora. Participa do Grupo Amigos da Fotografia de Jaú. Associada da AJAC desde seu surgimento e colaboradora das atividades da instituição. Meu blog: www.impressoesnoturnas.com.br

Referências:

www.tatygonini.com.br

www.renatodpaula.com.br

www.laboile.com

Galeria de fotos - Maria Delfiol

Câmera instamatic:
http://www.queimandofilme.com/2013/04/02/instamatic-uma-linha-de-cameras-cinquentona/#jp-carousel-13626, acesso em: 01/09/2018

Meus irmãos caçulas na Vila Barbosa, Terra Rica, Paraná. 1987 (?) - Foto de minha autoria.

Meus irmãos e amigos na rua que moramos na
Vila Barbosa, Terra Rica, Paraná, anos 1980.
Foto de minha autoria.

Eu, aos 6 anos, fotografada pelo meu
vizinho retratista, Sr. Pedro Fracasso.
Terra Rica, Paraná. Anos 1970.

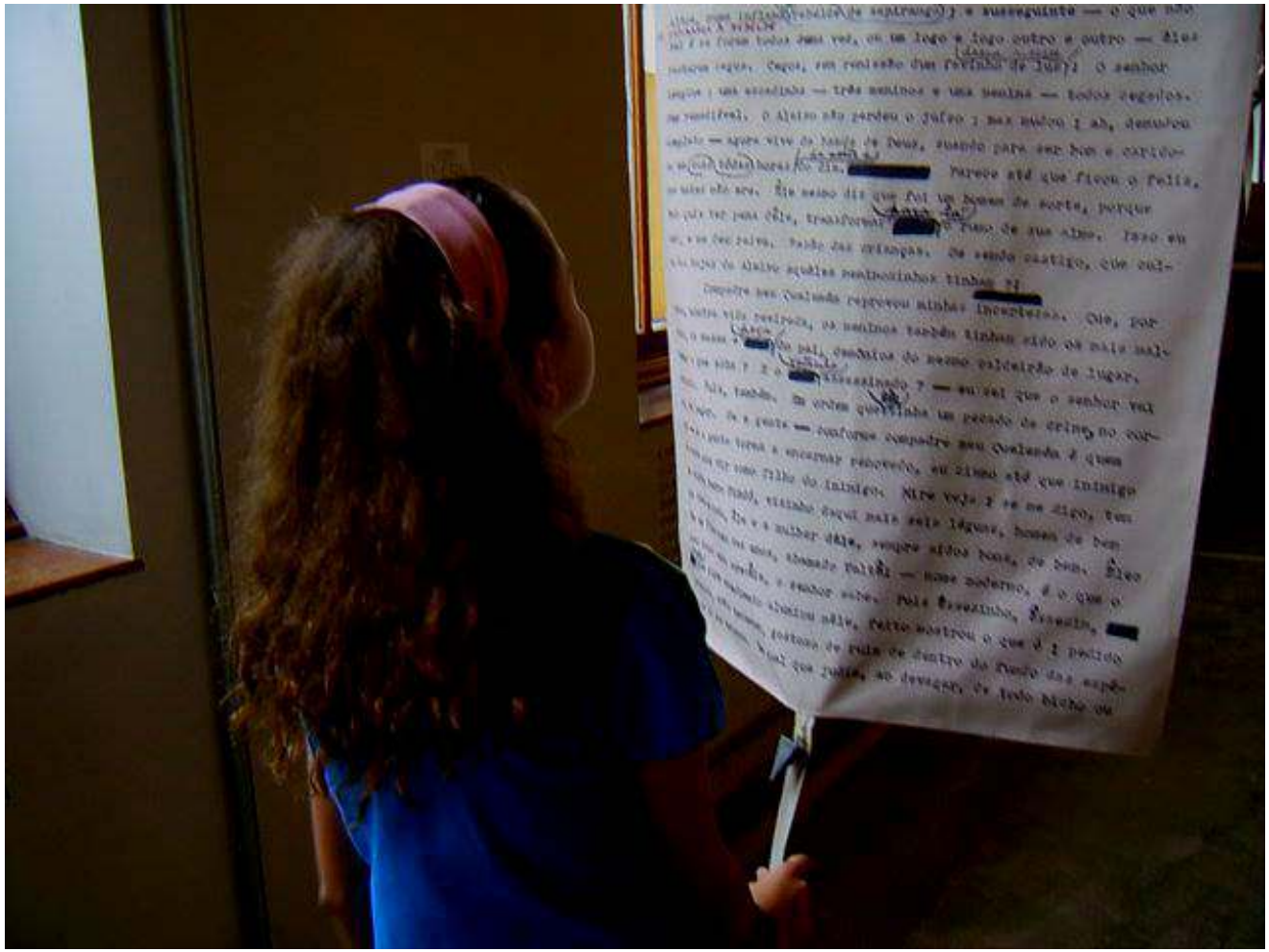
Eu, de vestidinho rosa, aos 5 anos aproximadamente. Anos 70. Avenida São Paulo, Terra Rica, Paraná. Fotógrafo desconhecido.

Meus avôs maternos. Não os conheci pessoalmente. Só por meio desta foto. Fotógrafo desconhecido.

Minha sobrinha Izabela durante sua participação, pela primeira vez, em uma saída fotográfica no centro velho de São Paulo.

Álbuns dos fotos, onde eu mandava revelar meus filmes e mais tarde imprimir as fotos digitais. Este foto, que ficava na rua Gertrudes Lima, em Santo André, não existe mais. O senhor das fotos: Orlando Del Fiol (falecido há cerca de 12 anos). FOTOS TIRADAS POR MIM

Minha mãe e minha sobrinha Gabriela, então com 10 ou 11 meses.



Minha sobrinha Izabela visitando a primeira exposição, do recém criado, Museu da Nossa Língua Portuguesa. A exposição “Grande Sertão: Veredas”.

A décima segunda edição da SP Arte/ Foto trouxe a fotografia modernista e o fotoclubismo brasileiro como destaques

Texto Marly Porto

Com obras de fotógrafos da época e trabalhos que foram expostos em diversos salões de arte fotográfica ao redor do mundo, a maioria dos 34 expositores participantes da última edição da SP Arte/ Foto apostou na comercialização de fotografias vintage em seus estandes.

Um dos destaques da feira pode ser visto na Galeria MaPa, de Marcelo Pallota, com o seu acervo de fotoclubismo e fotojornalismo vintage, abrangendo os períodos de 1940 a 1970. A galeria faz um garimpo em leilões e conta com a colaboração da pesquisadora e curadora Marly Porto que realiza um trabalho de pesquisa com as famílias dos artistas da época. Sobre fotoclubismo, a galeria expôs uma coleção do Photo Clube Brasileiro (RJ) com o trabalho modernista dos fotógrafos Orlando Pilo Duarte, Ferenc Aszmann, José Lambert, entre outros. Além de Francisco, integrante do Cine Foto Clube de Ribeirão Preto e José Mauro Pontes, fotógrafo amador atuante durante a década de 1950, membro do Foto Cine Clube Bandeirante.

Orlando Pilo Duarte, era membro do Foto Club Brasileiro (RJ), associação fundada em 1923, por um grupo de fotógrafos amadores e hoje considerada como o primeiro fotoclube a se organizar no país, alcançando uma atuação de importância para o desenvolvimento da fotografia artística brasileira até o fim da década de 1930. Além das publicações que editou como a Photo Revista Brasil e Photogramma, promoveu cursos, concursos, exposições e excursões. O Photo Clube Brasileiro foi uma instituição divulgadora de novidades técnicas e estéticas, alcançando uma atuação de importância para o desenvolvimento da fotografia artística brasileira até o fim da década de 1940.

A fotografia "Batalhão Fantasma" recebeu diversas premiações e foi exposta em diferentes salões de fotografia, entre eles, destacamos o 10º Salão Internacional de Arte Fotográfica (1951) organizado pelo Foto Cine Clube Bandeirante, 1º Salão Sergipano de Arte Fotográfica, 1º Salão Internacional de Porto Alegre, XV Salão Internacional da Argentina, 3º Salão de Ouro Preto , V Salão Capixaba e o 1º Salão de Barretos.

Com um jogo entre claro e escuro, Pilo Duarte ampliou as possibilidades temáticas ao fazer uso, de uma forma pouco comum, de contornos das figuras humanas contra um fundo em contraste.

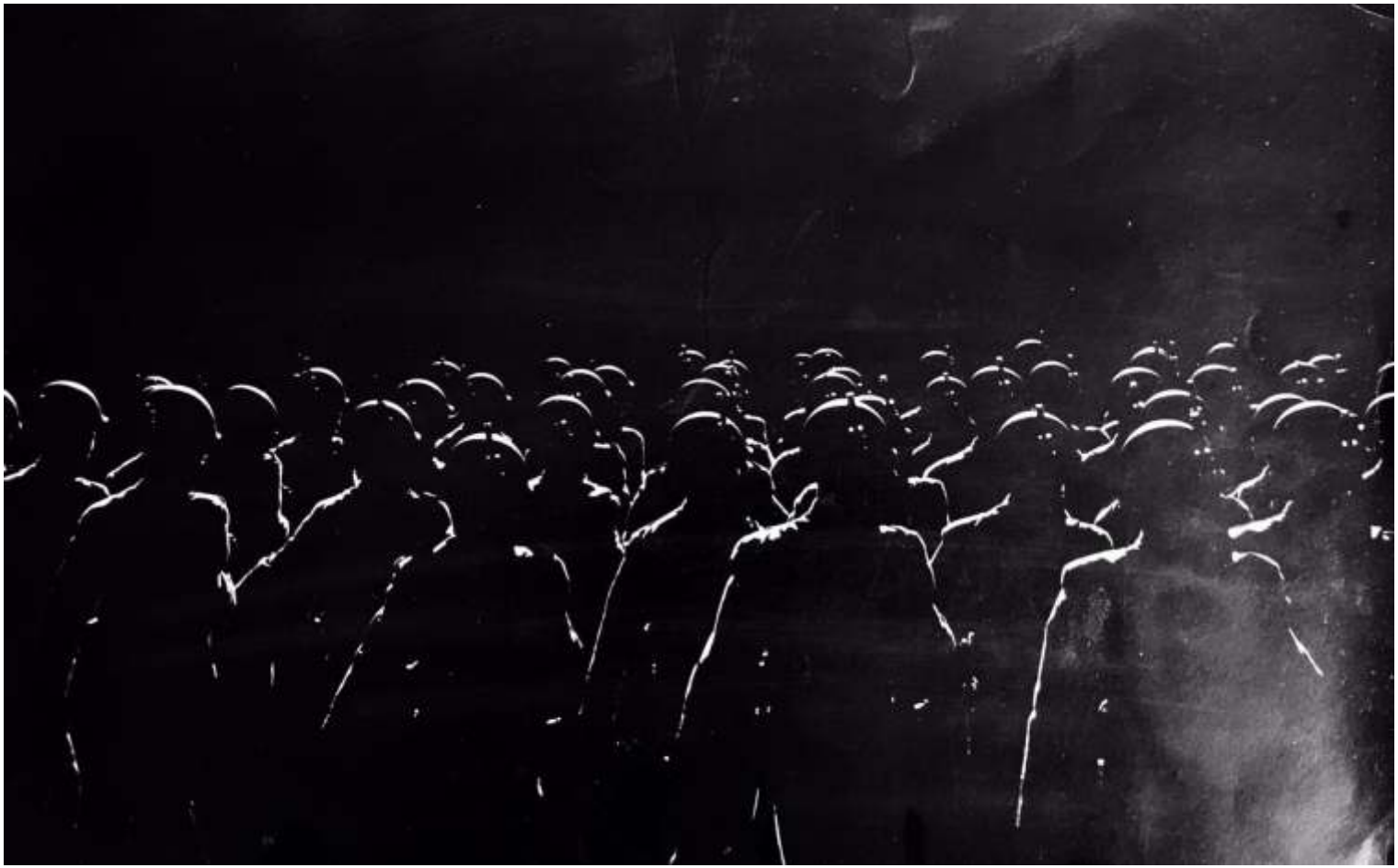


Figura 1 - Autor: Orlando Pilo Duarte
Título: Batalhão fantasma - Data: 1951

Outro destaque apresentado no estande da Galeria MaPa foi o trabalho de Ferenc Aszmann (1907-1988), artista multidisciplinar, um dos responsáveis pela popularização da fotomontagem no Brasil entre as décadas de 1950 e 1960. Nascido na Hungria, Aszmann emigrou com a família para o Brasil em 1948, fixando residência no Rio de Janeiro. Como escritor, trabalhou para a revista Sombra até 1950 e, posteriormente, para a revista A Cigarra.

Entre 1958 e 1974 dedicou sua escrita para a revista Fotoarte. Publicou em 1961 o livro Fotomontagem e Arte, ainda hoje uma referência bibliográfica nos cursos especializados. Como fotógrafo, Azmann recebeu cerca de 450 prêmios ao longo de sua vida por sua participação em concursos e salões de arte fotográfica nacionais e internacionais. Atuou também como professor de fotografia, foi membro de fotoclubes e a partir de 1963, dedicou-se à pintura.

A Associação Brasileira de Arte Fotográfica (ABAF), fundada em 9 de fevereiro de 1951, no Rio de Janeiro, esteve representada no estande da galeria pelo fotógrafo José Lambert . Um dado interessante, resultado da pesquisa realizada por Marly Porto para a sua dissertação de Mestrado, foi o fato de a ABAF ter sido a associação brasileira que mais participou do Salão Internacional de Arte Fotográfica organizado pelo Foto Cine Clube Bandeirante entre os anos de 1942 e 1959.

Figura 2 - Autor: José Lambert
Título: s/ título - Data: c. 1958

Entre os importantes nomes trazidos para a feira por Pallota, destacamos Francisco Amêndola (1924-2007), um dos artistas mais representativos da fase de efervescência cultural vivida pelos municípios paulistas de Araraquara e de Ribeirão Preto, entre as décadas de 1940 e 1960. Essas cidades tornaram-se polos artísticos locais, interlocutoras culturais em relação à capital e protagonistas do período de passagem da arte tradicional para a arte moderna no interior do estado de São Paulo. Pintor, fotógrafo, ilustrador, publicitário e artista gráfico, Amêndola é natural de Ibitinga, interior do estado de São Paulo. Em 1938, muda-se para Campinas e estuda no colégio interno Ateneu Paulista. Nessa época, passa a interessar-se por arte, principalmente pelo desenho. Transfere-se, em 1941, para o Colégio Estadual, em Araraquara, onde permanece até 1944. Nesse ano, com a morte do seu pai, volta a Ibitinga e assume a administração da fazenda onde nasceu. Mais tarde retorna à Araraquara, estuda na Escola de Belas Artes e tem aulas de pintura com Mário Ybarra de Almeida (1893-1952) e, posteriormente, com Domenico Lazzarini (1920-1987). Forma-se em 1950 e, em 1951, participa do Salão de Belas Artes de Araraquara, ao lado de Alfredo Volpi (1896-1988), Tarsila do Amaral (1886-1973), Flávio de Carvalho (1899-1973) e Aldemir Martins (1922-2006). A exposição repercute na mídia e atrai a atenção de críticos, como Ivo Zanini (1929) e Sérgio Milliet (1898-1966). Participa da 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1951, com o quadro "A menina da bicicleta". Posteriormente, em 1957, 1965 e 1967 voltou a expor na Bienal de Arte de São Paulo. Em 1954, torna-se diretor da Escola de Belas Artes de Araraquara, onde também leciona. Faz trabalhos em publicidade e ilustrações para a imprensa. Em 1959, dá aulas na Escola de Artes Plásticas de Ribeirão Preto. Envolve-se com as diversas atividades promovidas pela escola, como os clubes de fotografias, mostras de acervos de museus, festivais de cinema, noites de autógrafos, cursos e palestras. Em 1966, funda com outros artistas o Atelier 1104. Pintor, fotógrafo, ilustrador, publicitário e artista gráfico, Amêndola participou de diversas atividades artísticas, como os clubes de fotografias, mostras de acervos de museus, festivais de cinema, noites de autógrafos, cursos e palestras.

Figura 3 - Autor: José Mauro Pontes
Título: Fim de semana - Data: 1955

Por fim, ressaltamos a contribuição da Galeria MaPa para trazer ao grande público algumas obras do excelente e pouco conhecido fotógrafo José Mauro Pontes (1918-2001) integrante do Foto Cine Clube Bandeirante durante a década de 1950. Pontes é autor de um trabalho orientado em direção a geometrização do espetáculo natural mesmo quando submisso às regras da fotografia considerada correta para a época. Através de suas obras vemos como Pontes realiza o exercício fotográfico de fixação de movimento além de uma completa afirmação das possibilidades expressivas da fotografia.

Figura 4 - Autor: Francisco Amêndola
Título: Mantilha - Data: c/ 1960

Segundo Marly Porto, o movimento fotoclubista teve uma importância muito grande e deu condições para que a fotografia fosse considerada obra de arte.

Categorização – texto Paulo Guerra

Ao elencar um tema ou uma categoria para definir um concurso cultural, seja literário, fotográfico, de artes plásticas, o proponente ou organizador está estabelecendo uma base de comunicação entre os propósitos do evento e seus prováveis participantes.

Um concurso prima, portanto, por definições claras desde o estabelecimento de categoria(s) ou pela ausência dela(s). Assim como pela ideia ou conceito a ser perseguido ou pelo entendimento preconizado por seus prováveis participantes.

Antes mesmo da elaboração das regras, costuma-se pensar nas seções ou categorias. Usualmente, salões, concursos, bienais ou circuitos no caso especifico da fotografia, em sua maioria, elegem a temática livre ou seção aberta, sendo mais adotada pela força de sua abrangência na busca de elencar as fotos mais significativas ou representativas. O tema livre pode ser composto tanto fotos coloridas ou preto & branco ou até mesmo por fotos monocromáticas. Em diversas ocasiões tem-se a opção em separar em duas seções livres garantindo a confrontação dentro de cada espectro.

Temos ainda que partir da premissa que um concurso é um recorte não somente temporal, mas, um subconjunto dentro de um universo amplo de possibilidades. Ou seja, as fotos premiadas e aceitas para exposição estão dentro de um determinado contexto. À medida que um concurso define em apenas uma seção ou categoria, está primordialmente apontando que toda a gama de categorias ou subcategorias deve ser aceita e contemplada para concorrer. Todas as manifestações, tendências e vertentes da fotografia que está sendo produzida em dado momento são passíveis de avaliação em seus aspectos técnicos, artísticos, contextuais, por sua representatividade, por seu ineditismo ou originalidade. Prega a máxima: *cenas ou contextos devem preponderar sobre a qualidade pictórica, sem esquecer a qualidade técnica.* Sabendo a princípio que uma cena pode causar maior impacto ao observador ou jurado. Embora, a ausência de cena também pode ser resultado de um longo estudo ou trabalho do autor. Concluindo, não pode haver uma ou algumas verdades pré-estabelecidas, tem que existir o imperativo da busca de qualidade através de avaliação criteriosa dentro de determinado contexto.

Entrevista - Rosary Esteves

Nome completo: Rosary Esteves
Profissão: Fotógrafa
Foto Clube: Clube da objetiva – Goiânia-GO

1 . Quando e como surgiu o seu interesse pela fotografia?

Meu interesse pela fotografia surgiu quando em 1970, terminando a graduação em Belas Artes na Universidade Católica de Goiás(UCG), surgiu um Curso Livre de Fotografia. Foi amor à primeira vista. Quando vi a foto da propaganda do curso, pensei: é isto que eu quero fazer! Daí nunca mais parei. Ao cabo de um ano, o curso terminou, e juntamente com outra colega, a arquiteta Beatriz Rocha Lima, fui indicada para dar continuidade ao curso.

Em pouco tempo, Beatriz se mudou para Brasília e continuei ministrando e dirigindo o Curso Livre de Fotografia da então Escola de Arquitetura e Artes, no período de 1971 a 2000.

Em 2000 fundei junto com minhas duas filhas Regina Esteves e Raquel Esteves a Casa da Fotografia Rosary Esteves que é um Estúdio/ Escola, e aqui estamos até hoje. A Fotografia é para mim o feijão e o sonho!

2. Conte-nos sua trajetória dentro do Fotoclubismo.

Minha trajetória no Fotoclubismo teve início quando, em 1970, terminamos a primeira turma do CURSO LIVRE DE FOTOGRAFIA. Sentimos então a necessidade de continuar produzindo, discutindo e fazendo intercâmbio. Daí, fundamos o Clube da Objetiva, que funcionou de forma ininterrupta até o ano 2000, nas dependências do CURSO LIVRE DE FOTOGRAFIA na ESCOLA de ARTES e ARQUITETURA da UCG.

Em 2000 montamos o nosso estúdio e levamos conosco o Clube da Objetiva.

Sempre estive à frente do clube; quando não era Presidente era Vice ou da Diretoria. Tivemos bons momentos tanto internamente quanto em participações em Salões Nacionais e Internacionais. E sempre tivemos como nossos mestres e inspiradores Vicente João Pedro do Foto Clube do Jaú e Paulo Pires da Silva do Íris Photogrupo de São Carlos, ambos do estado de São Paulo.

Este intercâmbio e troca de ideias foi muito enriquecedor para o Clube, pois estamos aqui no coração do Brasil, fora do eixo Rio-São Paulo. O Clube da Objetiva funcionou até 2008 na Casa da Fotografia Rosary Esteves, e por motivos vários, vagarosamente foi parando suas atividades.

3- Qual a motivação ou a importância de participar de um foto clube ou de fazer parte de uma rede de foto clubes?

Acredito que a melhor forma de expor nosso trabalho é o Fotoclubismo, daí a minha motivação por todos estes anos. O Clube da Objetiva realizou ao longo dos anos seis Salões Nacionais de Arte Fotográfica com ampla participação. E ainda, idealizamos e implementamos dois Salões Nacionais de Auto-Retrato.

Grandes amizades, muita felicidade ao ser aceita ou premiada nos Salões, algumas decepções por ter uma foto rejeitada. Mas a vida continua, e a felicidade de participar nas Bienais, onde nos conhecíamos pessoalmente era grande.

Gostaria de ressaltar que os foto clubes ou Fotoclubismo no Brasil foram reconstituídos a partir do ano de 2000 pelo empenho e o lastro dado pelo Ourivaldo Barbosa Valle. Conhecido em nosso meio como Barbosa, não mediu esforços para que o Foto clubismo atravessasse aqueles anos difíceis. Portanto, todos os foto clubes nos dias atuais "devem" muito a ele.

4- Quais as suas principais fotos premiadas? E quais fotos você considera primordiais e não foram premiadas?

Premiações: Prêmio Especial instituído pela Conferência das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos e o Habitat.

Fui uma das vencedoras do Concurso Internacional "Mujeres Vistas por Mujeres" promoção da Comunidade Europeia, Serviço de informação para a América Látina.

Publicação do livro Câmara Lúcida em parceria com a poeta Gilka Bessa.Prêmio publicação do quinto Documento de Arte Contemporânea do Centro Oeste, realização Funarte.

Ganhadora do prêmio Marc Ferrez/ Funarte com o projeto: "O Povo de Flores, sem flores".

Membro Eleito para a ACADEMIA SANTISTA DE FOTOGRAFIA para ocupar a Cadeia de número 16. Inúmeras premiações em Salões de Nível Nacional e Internacional de Arte Fotográfica incluindo Bienais FIAP.

5- Que conselhos você daria para um fotógrafo jovem ou iniciante?

Meu conselho para iniciante é que: faça com amor. Estude as técnicas fotográficas e tire partido delas para produzir suas fotos. Não copie nada nem ninguém.

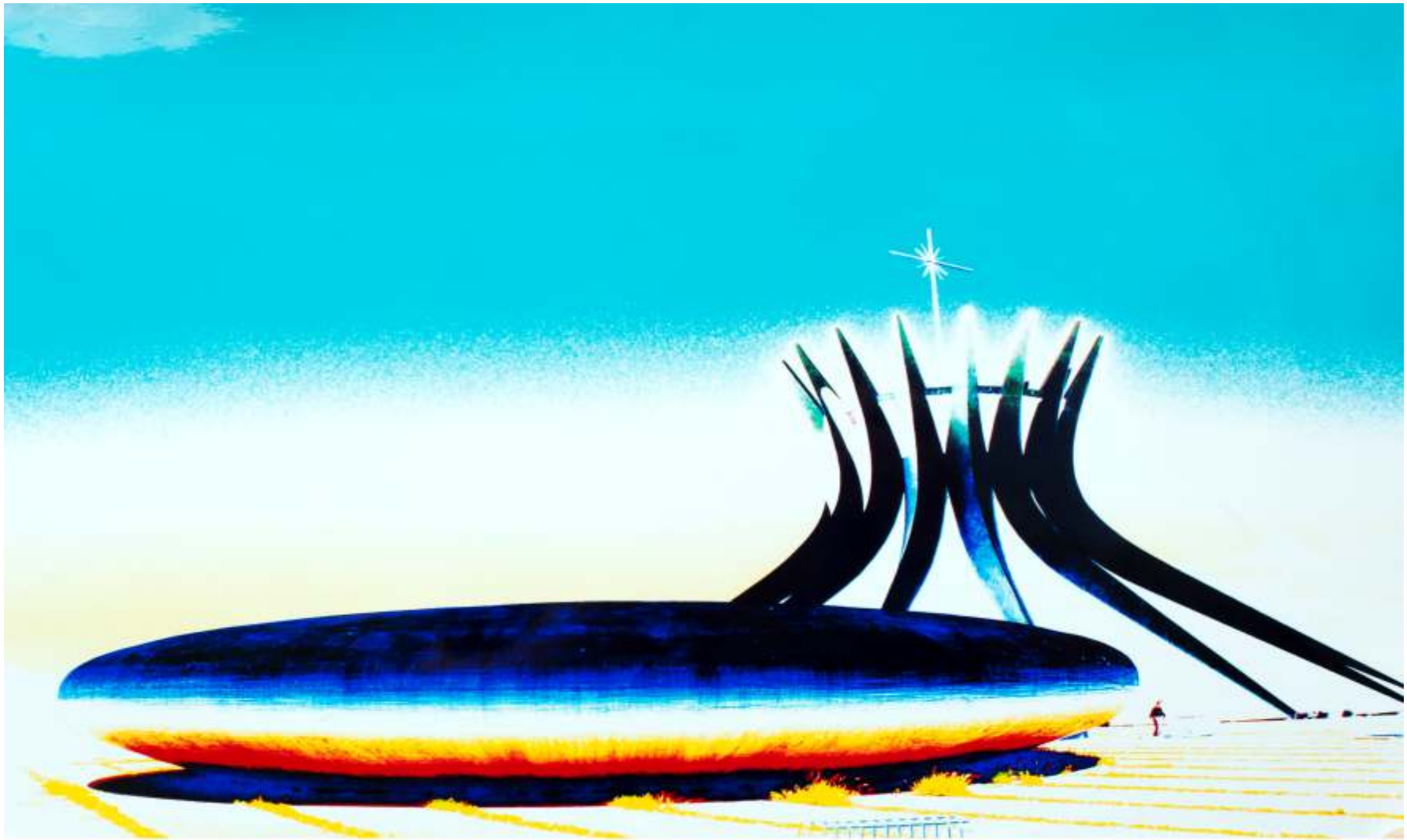
Considerações Finais:

Mineira de Belo Horizonte, mas Goiana por adoção e de coração, um aspecto que me chamou muito a atenção é a profunda ligação dos goianos com a natureza. Aprendi a gostar e ver a natureza com os goianos. Hoje sou apaixonada pelo Cerrado e pelo seu riquíssimo ecossistema. Goiás é muito bonito e poucas pessoas sabem disso, cabe a nós fotógrafos, que nos valemos do nosso equipamento, para que possamos divulgar este lugar tão bonito de se viver.

Longe dos grandes centros me sinto privilegiada de viver aqui e emocionada com a gentileza da Associação Jauense de Ambiente e Cultura - AJAC para esta entrevista. Obrigada!

Cerrado - Parque Nacional das Emas

Galeria Rosary Esteves



Medalha de Ouro em Jaú

Medalha de Ouro em Jaú

Fotos de 2018

Fotos de 2018

Premio Especial instituido pela Conferencia das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos e o Habitat, tema: A Beter way to live, Vancouver Canadá

Uma das ganhadoras do Concurso Mujeres vistas por Mujeres, promovido pela Comunidade Europeia, pelo Serviço de Comunicação, Informação e Cultura para a America Latina.

Do livro Câmara Lúcida

rosary esteves gilka bessa

câmara lúcida

Projeto : O Povo de Flores, sem flores

Primeira participação em Salão – Iris Foto Grupo

O meu universo
É maior do que este.
Provoco ciclones e vendavais
E seguro o movimento dos sóis.
Com estas mãos que eu preparo,
Com estes olhos que eu construo,
Dispenso as vidas que me dão.
Com este corpo e este sexo
Eu faço os meus nãos.
E alimento do tempo.
Respiro o espaço.

Do livro Câmara Lúcida

Medalha de Ouro em Jaú